

Convento e Serra do Pilar—Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Na margem meridional ou esquerda do Douro, fronteiro á cidade do Porto, se vê, eminente ao rio que lhe banha a raiz, um alto monte coroado com uma egreja e convento em ruinas, e algumas desmanteladas trincheiras. Este monte é a celebre *Serra do Pilar*, nome historico nos annaes da cidade invicta, como seu principal ponto de defesa, e como importantissima posição militar, forte por sua natureza. Ficou para sempre memoravel, nos fastos portuguezes, depois do tão celebrado e famoso cerco do Porto.

Nos dias 8, 9 e 10 de setembro de 1832, feriram-se alli sanguinolentos combates, praticando-se actos de verdadeiro valor e abnegação, em que todos rivalisavam em dedicação e bravura, tomando as proprias mulheres não pequena parte n'elles, ministrando cuidados aos feridos, munições aos soldados. [1]

[1] Entre estas citaremos Margarida, linda rapariga de onze annos, que com outras muitas heroinas andava levando polvora aos defensores da Serra. Os estilhaços de uma bomba que rebentou perto d'ella a feriram horrivelmente, levando-lhe a mão direita. Caindo banhada em sangue, foi logo soccorrida por um cirurgião que, posto reconhecesse não serem graves os ferimentos do corpo, declarou ser urgente cortar-se-lhe immediatamente o braço para evitar a gangrena que era imminente.

Margarida, que em breve tornára a si do lethargo em que havia caido, ouviu a fatal sentença. Com animo varonil, levanta o braço mutilado, e offerece-o ao facultativo, pasmado de tanta coragem n'aquella idade, e n'aquelle sexo.

Um frio glacial se apoderou de todos os assistentes, só ella se conservou inabalavel; e no momento em que o braço é amputado, a innocente e heroica Adelaide exclama: Viva a carta, viva D. Maria II!

Este maravilhoso episodio acha-se commemorado em quasi todas as obras, incluindo as estrangeiras, que tratam do «Cerco do Porto.»

Triste recordação d'esses tempos de gloria e de padecimento, em que cada dia era preciso dar um combate, a cada hora affrontar um perigo, soffrer uma privação a cada instante!

Foi no primeiro d'aquelles dias, que o sr. visconde de Sá da Bandeira, a cujo saber se deve, em parte, a lembrança e a realisação de se fortificar a Serra do Pilar, praticou um acto de valor e sangue frio digno da maior admiração, e que ennobrece a vida do valente general. N'esse celebre dia a Serra do Pilar, este forte baluarte da liberdade, foi atacado pelo inimigo do modo mais vigoroso que elle o podia fazer. O reforço que partiu do Porto para auxiliar os bravos defensores da Serra, era commandado pelo valoroso Bernardo de Sá, o qual carregando sobre o inimigo até ao alto da *Bandeira*, logar um pouco distante para além da Serra, alli foi ferido com uma bala de mosqueteria no braço direito, de tal modo, que lh'o fracturou completamente; e, apesar das dores horriveis que devêra sentir, com geral admiração de todos que o cercavam, continuou, como até alli, a conduzir a tropa ao seu destino; e da Serra, sustentando com a mão esquerda o braço de que nunca mais se havia de servir, a tornou a reconduzir para o Porto, aonde soffreu a amputação!

Pelas 2 horas da tarde do dia 14 de outubro d'esse mesmo anno, depois de um bombardeamento que durou 33 horas, e parecia uma chuva de bombas e granadas, disparando-se mais de 3.000 ti-

ros de artilheria contra a Serra, avançou o inimigo ao assalto em força de cinco a seis mil homens, dispostos em tres columnas, suppondo que o silencio dos sitiados sería por falta de munições, ou por terem abandonado o forte. Quando o inimigo estava á queima-roupa, a guarnição, que até alli se mantivera de proposito em perfeita inacção, mas vigilante, deu signaes de vida. Seis vezes os assaltantes se lançaram com valor aos parapeitos, e seis vezes encontraram uma resistencia superior á obstinação do seu ataque, até que approximando-se a noite se retiraram, perdendo 800 homens, e os da Serra 69 entre mortos e feridos. [1] De quantas batalhas se pelejaram em torno do convento da Serra, foi esta a mais memoravel e encarniçada; e de tantos nomes que se cobriram de gloria na defensão d'este importante ponto, sobresaem os dos distinctos officiaes Torres, e Bravo, sendo tal o comportamento do primeiro, que mais tarde foi agraciado com o titulo de visconde da Serra do Pilar.

Durante a guerra civil de 1846, geralmente conhecida pela «*Patuléa*», ou «*Maria da Fonte*», a Serra do Pilar mostrava-se temivel pelas suas bem construidas fortificações, muito mais augmentadas e guarnecidas que no tempo do immortal duque de Bragança D. Pedro IV. Terminada a lucta, foi desartilhada e destruida toda a linha de fortificações da cidade do Porto, e egual sorte coube á Serra do Pilar.

Da elevação da Serra se vê toda a cidade fronteira, que offerece um lindo e variado panorama, elevando-se magestosa, ao centro, a celebre Torre dos Clerigos: a cidade fica sujeita ao fogo da artilheria que for assestada n'esta eminencia. Este local ameno outr'ora, e vestido de frondoso arvoredo, vinhas, hortas e pomares, jaz ao presente n'um quasi completo abandono, assolado pela devastação da guerra.

A origem do mosteiro da Serra é a seguinte. Em 912 dois clerigos descendentes de uma familia nobre, estabeleceram uma especie de communidade regular n'uma pequena egreja que fundaram a duas legoas distantes do Porto, no logar que veiu a ser o mosteiro dos conegos regrantes, do titulo de S. Salvador de Grijó. [2] Mais tarde veiu a ser prior-mór do mosteiro, o P.^e D. Bento d'Abrantes, que fôra conego de Santa Cruz de Coimbra. Vendo o novo prelado que a casa de Grijó estava velha e arruinada, e que era situada em logar baixo, humido e pouco sadio, determinou mudar para melhor local, e que ficasse mais proximo do Porto. Communicou este pensamento a el-rei D. João III, dizendo que escolhêra o monte de S. Nicolau, fronteiro áquella cidade, e que para cêrca queria comprar o montado de Quebrantões, que fica no extremo léste do monte. Approvou el-rei o intento, e mandou o seu architecto ver o sitio e fazer a traça do edificio, dando cartas de recommendação para o bispo do Porto, fr. Balthasar Limpo, para os do governo da cidade, e morgado de Quebrantões: todos estes acquiesceram com a melhor vontade, e o bispo isentou o novo mosteiro da jurisdicção do Ordinario, por alvará seu passado em 12 de dezembro de 1537, no qual o monte é denominado «*Monte de S. Nicolau que se chama da Meigoeira.*» Comprou o prior D. Bento, á custa das rendas da casa de Grijó, o chão para a nova fundação, e a seu pedido lançou o bispo a primeira pedra do templo em 28 de março de 1538, dia de Santo

[1] O leitor curioso que deseje saber todas as peripécias d'esta guerra, póde recorrer ás obras estrangeiras como: «*The civil war in Portugal and the siege of Porto*», escripta pelo coronel inglez Owen, ou ao excellente resumo da historia de toda a campanha no 2.º volume do «*Tratado de Geographia*» do sr. D. José de Urcullú.

[2] Grijó é hoje uma povoação que fica na estrada de Lisboa a duas legoas e meia do Porto. Este nome deriva-se de «*igrejó*» ou «*igrijó*», diminutivo de *igrejinha*, formado segundo o uso dos tempos remotos.

Agostinho. S. Salvador foi o primeiro orago da nova casa; porém como alguns conegos velhos preferissem a antiga morada, alcançaram de Pio V breve de separação expedido em 1566, ficando em Grijó sob a primeira invocação, e intitulando-se de Santo Agostinho, a egreja da Serra. Em 1598 o prior D. Acursio de Santo Agostinho mandou construir a egreja moderna, de corpo circular, na fórma da de Santa Maria, a Rotunda, em Roma, cercada interiormente de capellas: o mesmo edificou a formosa claustrada de egual architectura e fórma, toda de abobada, sobre columnatas, tendo no centro uma copiosa fonte. Hoje tudo jaz em ruinas ou remendado.

Em 1678 foi collocada no altar-mór da egreja uma imagem de Nossa Senhora do Pilar, que ainda hoje alli se conserva e venera. Como esta imagem fosse muito reverenciada pelos muitos milagres que fazia, concorrendo todos os annos muita gente de varios pontos á sua romaria, que se faz a 15 de agosto, e com quanto o templo fosse dedicado a Santo Agostinho, foi esta invocação substituida pela da milagrosa Senhora, pelo que se ficou chamando o convento, e a Serra do Pilar, abandonando-se assim os nomes primitivos de Monte da Meigoeira, de S. Nicolau e de Quebrantões.

O P.^e Antonio Carvalho da Costa na sua *Chorographia Portugueza*, 1706, diz que antigamente existia n'este convento uma das cabeças dos cinco martyres de Marrocos. Hoje não é possivel saber o destino que esta reliquia teve, a ser verdade o que affirma o erudito ecclesiastico.

Visto do lado do rio, o edificio da Serra tem uma linda perspectiva. As officinas do convento ficam do sul, em logar mais elevado que o dormitorio, que fica da parte do norte com as janellas das cellas para o Douro. A cidade, vista de uma d'estas janellas, offerece um lanço de vista magestoso e variado. A cêrca, de grande ambito, e que era de variada cultura, tambem é abundante de aguas, as quaes vem de meia legoa, ao sul, por um aqueducto sobre arcos de pedra, construido na fundação da casa.

Na baixa da Serra se estende para o lado do mar, ou para oeste, a importante povoação de Villa Nova de Gaia, outr'ora de muita importancia e rica, pelos numerosos, vastos e bem providos armazens de vinhos do Douro, que tão conhecidos e apreciados são em toda a parte com o nome de «vinho do Porto», e pelo seu bem acreditado estaleiro de navios mercantes. Presentemente esta povoação está muito decaída da sua importancia e grandeza, em consequencia da fatal molestia das vinhas. Em 16 de agosto de 1833 foi este bairro theatro de um acto o mais vandalico e frenetico que em guerra aberta se póde commetter. O conde d'Almer, francez, commandante de uma divisão miguelista ao sul do Douro, teve a crueldade de mandar lançar fogo aos armazens da «Companhia dos vinhos do Douro», e cêrca de dez mil pipas de vinho e aguardente, assim como um grande deposito de cascos e aduelas, tudo calculado no valor de cinco milhões de cruzados, foram destruidas totalmente! [1]

[1] Muitos attribuiram este acto de desesperado vandalismo ao general portuguez Lemos, que servia no exercito de D. Miguel. Hoje, porém, está provado que similhante nodoa não recáe n'um portuguez, o que sería duas vezes criminoso e reprehensivel. A ordem partiu do conde d'Almer, que veiu a Portugal em companhia do marechal Bourmont, Larochejacquelin, Ferriet, Duchâtel e outros. Veja-se «*Essai sur l'histoire du Portugal*» por Chaumeil de Stella, e Auguste de Santeuil, tom. 2.º fl. 356.

A lista official dos liquidos e mais artigos consumidos em tão lamentavel incendio, é a seguinte:

9:372 $\frac{1}{2}$	Pipas de vinho no valor de réis		1.875:781$000
25	» agoardente	»	4:050$000
37 $\frac{3}{4}$	» vinagre	»	1:887$600
1674	Cascos de pipa	»	16:312$000
192	» de meia pipa	»	768$000
154	Barris	»	250$400
	Aduela e utensilios	»	8:274$200
			1.907:323$200

No meio da violencia do incendio, o liquido corria em torrentes a precipitar-se no Douro, cujas aguas se tingiam de roxo. Foi um espectaculo medonho e afflictivo! A scena era horrorosa, e muitas familias ficaram arruinadas com tão lamentavel catastrophe, anniquilando-se em poucas horas, sem que a ninguem aproveitasse, somma tão consideravel.

Triste effeito das guerras civis!

A estampa que acompanha este artigo, é da egreja e convento vistos do lado da cêrca, ou de léste.

A. M. LEORNE.

CAÇADA ARCHEOLOGICA

Em 1809 tinha eu uma idéa fixa, uma especie de monomania, diz M. Blaze. Pretendia conquistar Vienna e toda a Austria!

Quando o homem quer uma coisa, e a quer de todo o coração, quasi sempre a consegue; foi o que me succedeu.

Fiz, com effeito, a minha entrada em Vienna. Não penseis, porém, que eu conquistei a Austria sósinho; eramos muitos, e até ia em nossa companhia um certo Napoleão... do qual provavelmente tendes ouvido fallar.

Durante a marcha caçavamos sobre os flancos da columna. A profissão de heroe nem sempre dá fartura: se não fossem as lebres e as perdizes que traziamos, o nosso passadio seria quasi sempre insufficiente e insipido. Como simples plebeus, atreviamos-nos algumas vezes a matar os veados da aristocracia, e os guardas, revestidos com as librés senhoriaes, comprimentavam-nos com toda a polidez. Esse tempo era bom, mas acabou-se... eramos rapazes e vigorosos; depois de termos andado toda a noite e a metade do dia, ainda tinhamos forças sufficientes para empregar na caça as quatro ou cinco horas que nos restavam. Quantas vezes regressavamos ao acampamento, trazendo caça sufficiente para alimentar duas companhias de granadeiros! Os soldados diziam, vendo-me partir com o meu amigo Margaillan: «Bom! o tenente e o doutor vão á descoberta; teremos esta noite um bom *pitéo.* »

Caçando n'uma floresta perto de Weissemburgo, na Baviera, os nossos cães seguiam um veado, e latiam fortemente; nós, emboscados nos fossos, ou por detraz das arvores, espreitavamos o momento de lhe atirar. A nossa matilha compunha-se apenas de dois cães rasteiros. Dir-vos-hei de passagem, que para caçar veados a tiro, os cães rasteiros são os melhores que se podem empregar para esse fim. O seu modo de caçar é vagaroso, e por isso o veado não se intimida, não recorre nunca ao grande partido de se ausentar para mui longe; rodeia, e furta-se aos cães, como fazem os coelhos. «Tenho tempo de sobejo, diz lá comsigo, quando eu quizer, metterei pernas a caminho, e esses tolos ficarão logrados». Sem duvida, mas ás vezes dispara-se um tiro a proposito, e elle cáe morto.

Foi o que succedeu muitas vezes n'esse dia. Em quanto nós esperavamos um carro que tinhamos requisitado n'uma aldeia proxima, para transportar a caça, alguns soldados, nossos ajudantes de campo, estripavam os veados e os javalis, e eu estava sentado tranquillamente sobre um monte de pedras, fumando no meu cachimbo, cercado dos tropheos da nossa victoria. Margaillan tambem se achava alli, contente da grande vontade de comer que tinha adquirido, e da esperança de satisfazel-a quando regressasse a Weissemburgo. Estavamos ambos aboletados em casa de uma das pessoas mais importantes da cidade, o que nos fazia suppor que seriamos bem tratados.

Margaillan estava sentado, como eu, n'uma pedra de cantaria, na qual descobri vestigios de uma inscripção; depois de ter raspado o musgo que a cobria, li: *Hic expiravit:* Morreu aqui.

— É o epitaphio já feito para o veado que acabei de matar! exclamei eu.

— Deve haver mais alguma coisa nas outras pedras, acudiu Margaillan.

— É provavel: falta-nos o nome da pessoa que morreu ou mataram aqui.

— Procuremos.

— Vamos lá, que tenho curiosidade de saber se é tumulo de algum caçador.

Todas as ruinas de um monumento se achavam alli espalhadas, cobertas de musgo, de hera e outras plantas. Depois de termos trabalhado por muito tempo, depois de termos reconstruido este edificio no pensamento, experimentámos o indizivel prazer de lermos a inscripção seguinte: *Anno Domini* MLXV *hic expiravit palatinus Fridericus: hasta prostravit comes illum dum Ludovicus.* «No anno do Senhor 1065, morreu aqui o palatino Frederico: o conde Luiz matou-o com um bote de lança.»

Quem sabe? disse eu aos meus companheiros, talvez que tenhamos feito um grande descobrimento archeologico.

A noite estavamos á mesa de M. Rissener, erudito advogado de Weissemburgo, honrando uma ceia excellente que nos foi offerecida com muita affabilidade. A sobremesa, disse eu ao nosso patrão:

— Conheceis a historia de um certo conde Luiz, que, no seculo XI, matou o palatino Frederico com um bote de lança?

— Como haveis sabido isso?

— Sei que o conde Luiz não era cavalheiro; não se batia lealmente, assassinou aquelle bom palatino Frederico... pelo qual me interesso muito.

— Cada vez estou mais espantado; de que maneira podeis conhecer uma aventura que se acha unicamente nas nossas chronicas locaes, e de modo nenhum na historia universal? Sois francezes, haveis apenas chegado a Weissemburgo, e já me fallaes n'um successo que, estou bem certo, é ignorado por todos os habitantes d'este paiz. Deveis ao acaso ter-vos dirigido ao unico homem, talvez, que póde esclarecer-vos n'esse ponto.

— Com effeito! muito estimâmos saber isso.

— Procuro ha tempos nos antigos archivos obter esclarecimentos importantes para uma *Historia da Baviera,* na qual trabalho desde muitos annos, e a aventura de que me fallaes apenas conheço desde hontem.

— E eu soube-a hoje.

— É talvez por a terdes lido, na minha livraria, n'aquelle antigo manuscripto latino que...

— Eu nunca me atreveria a entrar só na vossa livraria; e além d'isso todo o dia andei á caça.

— Contae-me pois como haveis sabido essa aventura.

— Com a condição de que nos referireis todos os pormenores d'ella.

Então relatei-lhe tudo quanto já vos contei. M. Rissener estava louco de alegria.

— Pois ainda existe a inscripção?

— Sim, senhor, eil-a-aqui, fielmente copiada.

— Oh! que bella pagina para a minha historia! Citar-vos-hei, meus senhores, direi que devo a dois caçadores este maravilhoso descobrimento: porque a morte de Frederico é uma anecdota de caça, e é impossivel acabal-a melhor do que dizendo que o seu monumento foi descoberto por caçadores.

— Agora compete-vos contar-nos quem eram esse Frederico e esse conde Luiz.

M. Rissener tomou a palavra, e disse-nos pouco mais ou menos o que se segue.

«O palatino Frederico tinha esposado Adelaide filha do margrave de Stadt e de Salzwedel. Era moça e bella, elle velho e feio.

«Os dois esposos habitavam o castello de Weissemburgo, situado perto d'esta cidade. Este castello já não existe. Frederico era grande caçador, e, todas as vezes que ia correr um veado, queria que sua mulher o acompanhasse.

Deixal-a no castello parecia-lhe mui arriscado; ficar ao pé d'ella sem caçar era privar-se de um grande prazer. Exigiu pois que Adelaide o acompanhasse impreterivelmente.

«Vêde como quasi sempre, á força de precauções, um cioso se precipita a si mesmo no abysmo a que anda fugindo! Certo dia um javali resistia aos cães; Frederico aproximou-se-lhe enristando o venabulo; o cavallo em que montava recebeu uma trombada que o fez caír com o cavalleiro. O de Adelaide empinou-se espantado, tomou o freio nos dentes e partiu a galope, levando a dama através da floresta. Acudiu um gentil cavalleiro, pegou na rédea, fez parar o cavallo, e Adelaide caiu desmaiada entre os braços do conde de Thuringe.

— Sois vós? lhe perguntou ella, tornando a si.

— Sim, senhora, sou eu.

— Pensava que já não existieis.

— Assim vol-o fizeram crer, sem duvida para vos fazerem esposar Frederico.

— Já que aqui estaes, sou feliz.

— Adelaide, eu cheguei hontem da Palestina, queria ver-te, consegui esse ardente desejo, não tornarei a deixar-te.

— Ah! não sei como isso possa ser!

— Já meditei o meu plano; o homem que te roubou ao meu amor não te possuirá muito tempo...

— Explicae-vos.

— Será morto por minha propria mão.

— Que dizes, Luiz!... É possivel?

— Pódes tu viver sem mim?

— Não, estou certa d'isso, desde que me obrigaram a esposar Frederico de Saxe.

— Está bem! enviuvareis em pouco tempo.

Adelaide não respondeu; e vós não ignoraes o proverbio: «Quem calla consente.» A chronica não menciona nenhum outro successo relativo ao que se passou n'aquelle encontro; mas á noite Adelaide regressou ao castello escoltada pelos camponezes que a tinham encontrado no bosque, quasi morta de fome, e de fadiga. Ella fallou muito do medo que tivera, dos espinhos e dos troncos das arvores que lhe haviam rasgado os fatos, mas não se tratou do conde Luiz de Thuringe, seu cavalleiro libertador.

Frederico não ia á caça sem levar uma multidão de monteiros e de criados. Assassinal-o em campo descoberto, seria loucura pensar em tal. A infame Adelaide entregou seu esposo desarmado aos golpes do assassino! Eis como ella procedeu para o conseguir.

No dia immediato Frederico estava doente, ainda molestado da quéda; metteu-se n'um banho; ella conservou-se a seu lado, affectando estar alli com o fim de lhe prestar qualquer serviço de que elle carecesse. No entretanto tinha feito partir todos os monteiros e criados para uma grande caçada; carecia, dizia ella, de muita veação, porque esperava dentro em poucos dias ter numerosa companhia no castello.

Pouco tempo depois ouviu-se na floresta visinha o som da trompa e os latidos da matilha. Era o conde Luiz de Thuringe, caçando nas terras de Frederico.

— Quem é o insolente, disse Adelaide, que ousa violar o nosso territorio?

— A sua audacia será punida, disse Frederico saindo do banho.

— Ide, e o castigo d'este sirva de exemplo aos que quizerem imital-o.

Frederico vestiu-se á pressa, montou a cavallo, e sem armas defensivas, correu contra os caçadores. O conde Luiz esperava-o ao canto de um bosque; e alli, como o mais vil assassino, com um bote de lança o estendeu aos pés.

Adelaide fingiu experimentar com esta nova um grande desgosto, parecia desesperada, mandou procurar o assassino; prometteu uma recompensa a quem lh'o denunciasse; mas esposou-o um anno depois!

Frederico foi enterrado no proprio sitio aonde recebeu o golpe mortal. O conde Luiz de Thuringe tornou-se em pouco tempo tão temivel aos seus visinhos, que ninguem pensou em castigal-o; mas quando elle morreu, os irmãos de Frederico mandaram erigir o monumento que hoje descobristes. Iremos juntos visitál-o.

— Teria muita satisfação em acompanhar-vos, mas o nosso regimento parte ás quatro horas da manhã.

— Pois bem; n'esse caso desejo-vos uma viagem feliz, e entretanto beberemos á saude de tão bons hospedes.

E M. Rissener, muito satisfeito pelo nosso descobrimento archeologico, regalou-nos com uma torrente de vinho de Champagne.

Ignoro se ainda existe este sabio tão amavel, se publicou a sua *Historia da Baviera*, e se n'ella citou a nossa caçada. Seja como fôr, agradecemos-lhe a anecdota e a sua excellente hospitalidade.

CONTOS MORAES

(EXTRACTOS DE GONÇALO FERNANDES TRANCOSO)

Na cidade de Cordova houve em um tempo falta de pão, e não se achava a comprar quando o queriam, porém a certas horas do dia se vendia na praça o que havia para vender n'aquelle dia. Acudiam alli todas as pessoas que haviam mister, porque era do deposito da cidade que o tinham guardado para taes tempos, e era tão bem repartido que todos ficavam satisfeitos e contentes, e se alguma pessoa se descuidava de ir ao tempo da repartição, depois não achava nenhum.

Aconteceu que um homem pobre, calceteiro, comprou pão que lhe pareceu chegasse para aquelle dia; mas á noite, a horas de ceia, porque tinha muitos filhos, não achou pão em casa que bastasse para sua familia. Considerando que faria, mandou um moço a casa de um seu visinho rico, tambem calceteiro, pelo qual lhe mandou pedir emprestado um pão para dar aos seus filhos aquella noite, e que no dia seguinte o pagaria. O visinho lhe mandou logo dois, dizendo que tomasse aquelle par de pães, e que folgava muito de os ter para o favorecer em tal tempo, e que não lh'os tornasse a mandar porque haveria d'isso melancolia. O pobre os agradeceu, e deu graças a Deus pelo bom reparo que achára. Passou o tempo da carestia, que durou pouco; veiu a bonança, e passados quasi dois annos, como ambos eram de um officio, acertou que um dia compraram um panno para dividir entre si. O rico escolheu o melhor quinhão; mas o pobre, que tambem tinha pago a sua parte como elle, não quiz senão que se fizesse em partes eguaes, e lançassem sortes para cada um haver o quinhão que lhe coubesse.

Fez-se assim, e não coube ao rico o que elle desejava; pelo que, agastado, lhe disse na rua diante dos visinhos:

— Não era muito que levasse eu a amostra d'este

panno, que bem vol-o merecia, porque no anno da fome, havendo vós mister um pão emprestado, m'o mandastes pedir, e eu vos mandei dois, com que vos sustentates, vós e vossos filhos, o que nunca me agradecestes.

A isto respondeu o pobre, alto que o ouviram:

— Tudo é verdade o que dizeis, que assim foi; porém eu então vos fiz mais honra que vós a mim, porque vos escolhi pelo mais honrado da visinhança, e como tal vos mandei pedir um pão emprestado, offerecendo-vos a paga que vós não quizestes acceitar; e digo agora que menti na escolha que fiz então, porque o não sois; pois se foreis honrado como eu cuidava, ainda que então me mandastes dois pães dados, não m'o lançarieis agora em rosto.

Com isto, que os visinhos ouviram, ficou o rico envergonhado, e o pobre não ficou abatido; mas todos entenderam quão miseravel coisa é pedir, e que não se deve deitar em rosto o que se dá.

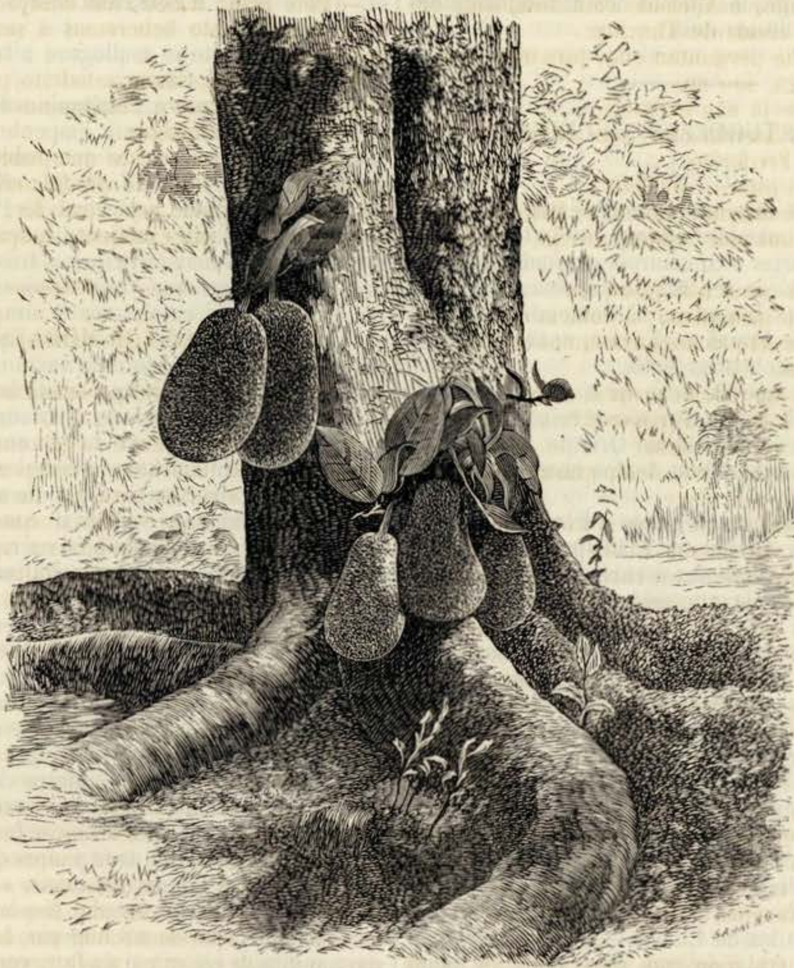
JAQUEIRA, OU ARVORE DO PÃO

Esta arvore tem a propriedade de dar fructo até no tronco, como deixa ver a gravura junta.

Foi descoberta pelos portuguezes na costa do Malabar, e depois nas Molucas, Java, etc. Tambem a ha em quasi todos os paizes do mar do sul, e no Brasil.

É arvore mui levantada e de bella figura; ramifica-se muito; as folhas tem quasi dois pés de comprimento, e um e meio de largura, profundamente divididas em sete ou nove lacinias.

Os pedúnculos das suas flores são solitarios, felpudos, de duas pollegadas de comprido, e situados nas axillas das folhas superiores dos ramos. As flores são unisexuaes, masculinas e femeninas, dispostas em amentilhos, ou espigas separadas, posto que no mesmo tronco. As espigas masculinas são cylin-



Jaqueira, ou arvore do pão

dricas, e pendentes, de umas pollegadas de comprido, e tem de algum modo a apparencia das espigas de tabúa; as femininas são ovadas ou quasi globosas, apenas de pollegada e meia de comprimento, ouriçadas de pontas.

Estas espigas de flósculos femininos engrossam pouco a pouco com a vegetação, até ficarem no volume de uma abobora, de casca escabrosa, com muitos tuberculos pentágonos.

A este fructo chamam jaca; tem uma polpa amarellada, farinacea e suculenta, que encerra muitas sementes oblongas, dentro de arillos membranosos, e pegados a um receptaculo commum, central, que é o prolongamento do pedúnculo. Estas sementes são como castanhas, e comem-se como ellas, assadas ou cozidas.

Ha uma variedade de jaqueira, cujo fructo não tem d'estas sementes, e é a esse que se chama *jaqueira pão* ou *fruta do pão*, de que vivem os habitantes do Otaiti e de outras ilhas do mar do sul, que tem grande cuidado de cultivar esta arvore, e de a propagarem por estacas.

A preparação d'este fructo para se comer consiste em se cortar em fatias, e torral-as; ou então assal-o

inteiro no forno até ficar a casca negra. Raspa-se a casca, e come-se a polpa, que tem o sabor do miolo de pão, algum tanto mixto com o das alcachofras hortenses. É alimento agradavel.

Durante os quatro mezes (de setembro a dezembro) que a jaqueira leva a produzir novos fructos, os indigenas supprem esta falta com uma especie de massa fermentada e ácida, feita da polpa da jaca, assim conservada, cozendo-a no forno, como se fôra pão, á medida que d'elle precisam.

Em outros logares esfatiam a jaca, seccam as fatias ao sol, e as guardam para ir comendo; sêccas d'este modo conservam-se mais de um anno.

Esta arvore não só dá pão áquelles ilhéos, mas tambem d'ella fazem um tecido, de que se vestem, com as fibras da entrecasca; do tronco construem as suas casas e bateis; as folhas lhes servem para embrulhar e conservar os alimentos; as sementes, assadas ou cozidas, são nutrientes, e mais saborosas que as castanhas.

Os fructos que nascem do tronco da jaqueira costumam ser mais grados que os dos ramos; ha jacas de 30, 40, 50 e 60 arrateis.

OS PORTUGUEZES NA CHINA

(Vid. pag. 53)

Mallogradas as duas antecedentes embaixadas que el-rei D Manoel mandára ao imperio da China, com o fim de ter feitorias e commercio n'aquelle imperio, só a meio reinado de seu filho e successor, D. João III, se repetiu esta tentativa, não officialmente, mas por arbitrio de S. Francisco Xavier, então missionario e nuncio apostolico na India.

A historia diz que D. João III chamára a Portugal os jesuitas por não haver n'este reino sacerdotes sufficientes para as missões do Oriente. Coisa inexplicavel, porque em nenhum tempo houve tanta cleresia e fraderia.

É certo, porém, que chegando a Portugal o padre mestre Francisco Xavier em 1540, partiu pouco depois para a India, onde fez á christandade os incalculaveis beneficios de que está cheia a historia patria e as alheias.

Em 1550, voltando elle da ilha de Sanchoão, nas costas da China, onde os nossos iam commerciar antes de havermos adquirido o porto de Macau, contaram-lhe a bordo da nau Santa Cruz, de que era capitão um Diogo Pereira, que bom numero de portuguezes e outros christãos estavam captivos na China. Com o zelo apostolico de que já tinha dado tantas provas convertendo os japonezes, resolveu Xavier ir dar a liberdade áquelles infelizes.

Como Diogo Pereira e os mercadores que vinham n'aquella nau eram os mais praticos, e que melhor entendiam os estilos da China, descobriu-lhes o padre sua tenção, tratando com elles sobre os meios conducentes á execução do seu proposito. Todos foram de parecer, que nenhum outro havia senão determinar-se o vice-rei da India em mandar ao imperador da China, em nome del-rei de Portugal, uma solemne embaixada com ricos e custosos presentes, offerecendo-lhe de novo sua amizade, «e tratando-o com a cortezia e magestade de palavras que elles esperam de todos os outros principes». Com este embaixador, diziam elles, podia o padre Francisco Xavier entrar seguramente na corte de Pekin.

Para esta embaixada offereceu Diogo Pereira a sua nau com todo o necessario para a viagem, fazendo, á sua custa, a despeza dos presentes para o imperador e para os mandarins, sem esperar outra ajuda do estado mais que as cartas patentes e provisões necessarias para a expedição da viagem e auctoridade da empreza.

Alvoroçado com tão generoso offerecimento, se foi, logo que desembarcou, o apostolico missionario tratar com o governador da India, que então era D. Estevão da Gama. Conveiu este na proposta, nomeando por embaixador o proprio capitão da nau, Duarte Pereira. Porém, as guerras que por este tempo suscitaram alguns potentados da India contra os nossos dominios retardou a expedição da embaixada. Quando depois veiu a Malaca encontrar-se com Diogo Pereira, para d'alli seguirem para a China, o governador d'aquella praça, invejoso de o não terem nomeado a elle por embaixador, reteve alli a nau e os presentes com taes pretextos e pertinacia, que Francisco Xavier o não pôde demover, decidindo-se a final a partir sósinho, e lançar-se, á conta de Deus, no primeiro porto da China.

E assim o fez.

É sabido que o santo apostolo, voltando a Sanchoão, ahi foi accommettido de uma febre perniciosa, que o levou á bemaventurança no dia 2 de dezembro de 1552.

Com esta morte se mallogrou a terceira embaixada de Portugal á China.

Estava reservado á Companhia de Jesus o conseguimento d'este constante empenho del-rei D. Manoel. Os jesuitas foram os que penetraram n'aquelle mysterioso imperio até á capital; elles os que levantaram alli a grande cathedral de Pekin, que ainda hoje subsiste [1]; elles os que alcançaram os mais subidos graus do mandarinato no tribunal das mathematicas; elles os que traduziram e estamparam na lingua chim os catecismos e orações da religião christã; elles, em fim, foram os que fundaram em todas as provincias d'aquelle vasto imperio as numerosas christandades de que ainda hoje ha boa parte.

Muitas cartas dos nossos missionarios, algumas já impressas, e muitas ainda manuscriptas, que se conservam na bibliotheca nacional e na da academia das sciencias, contam mui por menor como se operou esta pacifica e espiritual conquista. De uma d'essas cartas, e das mais bem escriptas, faremos alguns extractos para a necessaria inteireza da historia que estamos esboçando.

Ouçamos o que n'uma d'ellas se relata.

«O principio e modo que houve dos padres entrarem na China foi d'esta maneira.

Estando na India o padre visitador da Companhia, tendo noticia das coisas da China, e considerando o grande serviço que se podia fazer a Nosso Senhor na conversão de tantos milhares de almas, se houvesse n'ella entrada, começou a cuidar no modo que para isso podia haver, e a lançar fundamentos; para o que nomeou em Goa tres padres que fossem a Macau aprender a lingua dos chins, e aguardar o que Deus, ácerca de sua entrada, dispozesse. Partiu logo um d'elles só, por nome Rogerio, homem douto, assim no direito em que é doutor, como em theologia, e de grande virtude e singeleza, pelo que veiu depois a ser mui acceito áquella gente. Chegado a Macau, achou que estavam as coisas da China tão cerradas e indispostas como sempre; e tanto, que os que viam e ouviam tratar da entrada n'esta terra se riam, tendo-o por uma coisa impossivel. Com tudo isso, deu-se á lingua com grande trabalho e diligencia, ajudando-se de alguns mancebos chinas, a quem sustentava e pagava com algumas esmolas que havia.

É a lingua da China a mais estendida e difficultosa de aprender de quantas se tem visto no descoberto; e em tanta maneira, que os mesmos naturaes nunca acabam de a saber bem, e para fallar po-

[1] Vid. a estampa d'esta egreja a pag. 393 do 3.º volume.

lida e delicadamente, como fallam os cortezãos, mandarins e sacerdotes, estudam toda a vida desde meninos. Nem tem outras letras e sciencias em que possam empregar os engenhos e annos, senão nos caractéres da sua lingua, e n'estes são os homens nomeados, estimados, e graduados em suas universidades; e tem-se por de tão grande valor e cabedal de entendimento aquelle que chega a comprehender estas suas letras, que esse é o valido e eleito para governo, e o que vae subindo em grandes graus de honra e dignidade, sem se ter respeito á linhagem ou descendencia, nem se é filho de sapateiro, de pescador, ou de qualquer outro official, porque entre elles não ha outra nobreza senão saber bem estas letras, e os livros, leis e seitas que n'ellas estão escriptas. E tanto é o caso que d'ellas fazem, que vendo um moço que n'ellas se vae assignalando, o trazem todos nas palmas, não sómente a gente popular, mas ainda os mandarins (que são a flor e nobreza da China); e fazem isto, porque sabem de certo que ha de vir a valer e mandar.

A causa de ser esta lingua tão difficultosa, é escreverem os chinas todas as suas coisas, não por letras de abecedario, senão por cifras ou imagens; e estas são tantas quantas são as coisas e obras que trazem entre mãos, porque para cada coisa ha de haver um signal ou cifra, feita de muitos risquinhos e pontos, por onde se differençam umas de outras. E para um saber ler, escrever e fallar mediocremente, ha de conhecer primeiro todos estes signaes e pontos, que ao menos, dizem, são oitenta e cinco a noventa mil!; segundo, os ha de nomear com a sua propria pronunciação, e que coisa significa cada uma d'ellas. A outra raiz d'esta difficuldade é serem tão equivocos os seus vocabulos e cifras (porque com uma só significam vinte e trinta coisas mui differentes), que sómente se entendem pela diversa e mui subtil pronunciação com que proferem uma d'aquellas figuras.

E porque quem quizer entrar na China, e ser ouvido de algum mandarim, e que o não tratem como a rustico e barbaro (que por taes são tidos os demais), é necessario que saiba suas letras e linguagem, e não de qualquer maneira, senão do mais polido e estudado, porque todos os que fallam em linguagem commum e vulgar não são entre elles tidos em conta, nem lhes dão audiencia, senão que se alguma coisa quer, ha de fallar por petição feita por outro que tenha bem aprendido e estudado, as quaes petições são pagas segundo a qualidade e eloquencia de quem as faz.

Por esta razão foi forçado ao padre Rogerio, para alcançar o que desejava, pôr o peito de proposito a uma coisa tão ardua e difficultosa. E havendo gastado n'isso tres annos, nunca viu no cerramento da China mais geito e apparencia de se abrir, do que ha em um castello, que com muito cuidado e diligencia se vigia; sómente lhe davam logar a que, quando os portuguezes iam a Cantão comprar mercadorias (que era uma vez no anno), fosse o padre com elles, e ainda os mandarins mandavam aos portuguezes não fossem a Cantão sem levarem comsigo algum padre de S. Paulo (que assim chamam em todas aquellas partes os da Companhia, pelo collegio de S. Paulo que tem em Goa, o qual foi como principio e seminario de todas as missões que os nossos fazem por esse Oriente). E isto porque quando vão sós os portuguezes, dizem os mandarins que fazem muitos desconcertos, e que os padres de S. Paulo são como chinas, homens de razão, de justiça, e pacificos, e que não trazem armas, e por esta causa querem que vão com elles para os sofrearem e metterem na razão.

Com esta occasião, indo algumas vezes lá o padre Rogerio, veiu a tomar conhecimento com o aitão (que é o maior mandarim de Cantão), de tal maneira que lhe deu licença para poder saír dos navios onde estão os portuguezes, e pousar em uma casa de mandarins no arrabalde de Cantão, e alli lhe permittiu fazer uma capella, dizer missa, e administrar os sacramentos aos portuguezes e a alguns chinas seus companheiros. A esta capella veiu o aitão com o cohe-fu (que é o segundo mandarim de Cantão) ver a maneira de nossos sacrificios e ornamentos, ainda que depois, por alguns lhe notarem as muitas visitações que fazia, e as que recebia do padre, se retirou, dizendo-lhe que era muito seu amigo, mas que, d'alli por diante, o não podia mostrar tanto no exterior como até então fizera.

Acabada a estada dos portuguezes em Cantão, se tornou o padre Rogerio com elles para Macau. D'ahi a cinco mezes, tendo já vindo da India os companheiros, quando mais descuidado estava, ainda que não de aprender e se exercitar sempre na lingua, o tutão [1], que tinha já noticia do padre, e feito particular inquirição de sua vida e costumes, e tambem porque já uma vez o tinha mandado chamar para tomar d'elle informação dos portuguezes e das coisas de Macau, lhe mandou uma chapa, a qual era como uma prancha de prata, á maneira de cruzado, de comprimento de dois palmos, e um ou mais de largo, pela qual dava licença ao padre para ir e vir de Macau a Cantão e a Xauquim, onde elle residia, sem que as guardas lh'o podessem estorvar. E não se contentou o tutão com esta licença, mas pela boa informação e conceito que o padre tinha, quando menos cuidavamos, chegou a Macau uma embarcação da sua parte, com uma chapa, em que mandava chamar o padre para fazer assento em sua cidade. Nova de grande alegria e consolação foi essa para quem estava tão desejoso de beber d'esta agua! Partiu-se o padre com dois companheiros e alguns chinas que serviam de lingua; chegados, lhes fez muito gasalhado e bom recebimento.

Estando já de assento em Xauquim, e mui favorecido d'elle e de outros mandarins, foi deposto o tutão de seu officio. Com isto foi forçado ao padre deixar a China, e tornar-se a Macau, com a dor e sentimento que se póde imaginar; mas para que mais claramente se veja a divina Providencia, e a prudencia dos juizes e governo de toda a China, se ha de notar, que cada vez que um mandarim acaba seu cargo, e entra outro, o que acaba assenta em um livro de seus memoriaes, todas as coisas signaladas que em seu tempo aconteceram; e a primeira coisa que faz o que entra é ler o que fez seu antecessor. Pelo qual, sabendo este viso-rei que elle se havia de ir de Xauquim, e que se o successor achava alli os padres, se havia de alterar, e inquirir como e para que haviam entrado aquelles estrangeiros contra suas leis, e que inda que não fosse mais que por ser coisa feita por seu antecessor a desfaria; usou d'esta manha, e foi, que determinou despedir totalmente os padres da China; depois de despedidos, escreveu em seus annaes, como em seu tempo vieram a Xauquim das partes do poente uns homens santos e mui sabios, e escreveu d'elles grandes partes e virtudes, e de tal maneira que a qualquer pessoa movêra a ter vontade e desejo de os ver e conhecer; e no cabo da escriptura disse, que ainda que elle os havia permittido alguns dias, depois os deitára da China por não poder ter estrangeiros segundo as suas leis.

Quando veiu o segundo tutão, lendo as coisas notaveis que pelo outro passaram, dando com esta, logo lhe veiu desejo de ver aquelles homens de que tantas coisas achava escriptas. E estando já os pa-

[1] Governador.

dres desconfiados de tornar á China, chega um navio a Macau em que vinha um mandarim menor, com alguns soldados de guarda, e uma chapa em que o tutão rogava muito aos padres se tornassem a Xauquim, porque posto que o passado os tinha despedido, e não os tratára e favorecêra como elles mereciam, os queria recolher em sua terra, e lhes daria casa e egreja, e tudo o mais que lhes fosse necessario.

Partiu-se logo o padre Rogerio com outro companheiro, theologo e grande astrologo, coisa de que os chinas muito gostam, e entendem algum tanto; o qual tambem aprendeu a lingua muito em breve, e tantas das suas letras, que falla com os mandarins sem interprete, de que elles se espantam e admiram.

Com esta boa vontade do tutão que os chamou, e favor e ajuda de outro mandarim grande, amigo dos padres, lhes deram logo casa e sitio para fazer egreja, e chapa ou provisão para poderem estar na China, e andar por toda ella; e foram apregoados por visinhos e moradores, e feitos naturaes da China, para que não ficasse sendo contra suas leis o estarem n'ella.

Estando as coisas n'estes termos, foi este tutão chamado a Pequim (onde el-rei está) para maior cargo, e veiu outro em seu logar. Estava em Xauquim, da primeira ida dos padres um mandarim poderoso, a que chamam Xauquifu; este lhes foi sempre mui affeiçoado, e no tempo do segundo e terceiro tutão lhes negociou entrada, sitio, casas, egreja e licença para andarem por onde quizessem.

É este homem de muito credito e valia entre todos elles, tanto que no tempo que os padres estavam em Macau, o levantaram em dois graus de dignidade, que é coisa mui rara (porque nunca sobem senão de grau em grau), e é agora immediato ao viso-rei, e todos os mandarins que d'antes lhe eram eguaes em dignidade e assento, agora lhe fallam de joelhos.

Este tomou Nosso Senhor por particular protector e ajudador das coisas da nossa santa fé, e dos padres, e os publica por santos, e acredita com todos os mandarins que continuamente vão e vem da corte; este lhes fez a casa e egreja, e se préza d'esta obra ser sua, e por seu respeito (entendendo que lhe dão gosto) todos estimam e honram aos padres.

(Continúa)

LOGARES MEMORAVEIS

VI



Casinha campestre de Raphael em Roma

Quando o principe da pintura moderna, Raphael de Urbino, foi chamado a Roma pelo papa Julio II, em 1508, para pintar as salas do Vaticano, como a obra lhe havia de levar muitos annos, construiu elle uma casinha campestre, perto da villa Borghese, para alli habitar e desenhar.

Posto que deserta, conserva-se ainda intacta esta pousada do grande mestre. Todos os viajantes que entram em Roma, vão visitar a pousada sob cujos tectos se idearam e riscaram os assombrosos quadros que o mundo não cessa de admirar.

Como bem mostra a gravura que hoje publicâmos, esta casinha não tem de notavel, exteriormente, senão o pittoresco da situação, que é em logar solitario, cercada de vigorosa vegetação, a que ficam eminentes os pinheiros seculares da villa Borghese, coroados pelos gelos dos Apenninos.

As arcadas do portico assentam sobre columnas de granito, que foram evidentemente de algum monumento antigo.

Por dentro tem mais valor esta casinha, porque tanto nas paredes como nas abobadas, ha pinturas que se attribuem a Julio Romano.

Foi n'esta pousada que Raphael viveu doze annos, todo o tempo que esteve em Roma; e aqui gozou elle as doçuras do contentamento que lhe causou o exito da sua obra prima, a *Transfiguração.*

Explicação do enigma do numero 12.

Que contos poderemos ter melhores que de amores.

CAMÕES